Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533
Volume 26 | nº 2 | 2021
Artigo recebido em: 13/05/2021
Aprovado em: 18/05/2021

Flávia Nascimento Ribeiro
[Doutora e Mestre em Educação, na linha de pesquisa "Cultura, Currículo e Formação de Educadores", do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.]

Ana Paula Dias Pazzaglini Roldi
[Mestre em Educação.]

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL: NARRATIVAS DE PESQUISAS[1]

Esse livro, composto, com produções de pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos em Educação Ambiental (NIPEEA)[2], vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com a participação do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), possibilita importantes reflexões em torno dos desdobramentos da pesquisa, aprovada pelo CNPq, intitulada de: “As produções narrativas da Educação Ambiental e as relações com o pensamento pós-colonial: uma ecologia de saberes e seus atravessamentos em comunidades/escolas”.

[1] TRISTÃO, M. (Org.). **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL**: narrativas de pesquisas. Curitiba:CRV,2018, 220p.
[2] Sobre os autores e o NIPEEA no site: http://nipeea.blogspot.com/

Desta forma, a publicação trata de uma coletânea das produções de pesquisadores e pesquisadoras, que dialogam com as investigações produzidas em torno das transgressões das amarras impostas pela colonialidade, por meio de seus mecanismos de controle, como a lógica binária e a produção de ausências que conduz à caminhos determinados e inflexíveis, pautados em uma lógica determinista do pensamento Moderno. Neste sentido, os escritos dessas pesquisas exploram as formas de resistência, as experiências de culturas e os seus modos de vida e as relações de comunidades/escolas com as *naturezas culturas.*

Cabe destacar que tais produções, foram compartilhadas em bancas de pós-graduação *Strictu sensu*, por meio de publicações em eventos e em revistas científicas de Ciências Sociais, sobretudo, nas áreas de Educação, da Sociologia e da Filosofia, potencializando, assim, uma multiplicidade de narrativas, de imagens e de práticas que resultaram na coletânea deste livro, que adota abordagens *teóricometodológicas* fundamentadas nos estudos e pesquisas em Educação Ambiental.

Em muitos desses textos, os modos de escrita de certos termos dicotomizados pela ciência moderna e colonialista, como os destacados em itálico nesta resenha, se amparam na compreensão discutida por Alves (2002), onde a autora propõe outras formas de pensar, de analisar e de ampliar o entendimento sobre os significados desses termos. Além de inventar e desestabilizar a escrita, é uma tentativa de mostrar que processos considerados antagônicos e dicotômicos, na verdade podem ser complementares. Assim, é comum observar a junção de alguns termos durante a leitura da obra tais como, *saberfazer*, *teoricometodológico*, *teoriaprática, culturanatureza* e a escrita com termos indicando nome composto com hífen ou barra (comunidades-escolas ou comunidades/escolas).

Os autores-pesquisadores dessa obra assumem que as pesquisas são realizadas por vários sujeitos durante o processo de investigação, por isso, também é usual observar muitos textos escritos na primeira pessoa do plural. Assim como é possível observar a forma poética das escritas dos textos desta obra, tornando-se uma leitura leve, agradável e de fácil entendimento, o que antes eram modos de pesquisar e relatar, excluídos pelas imposições da lógica moderna e instrumental.

As produções *teóricasmetodológicas* traduzem um campo de aberturas e imprevisibilidades, articulados com intercessores e com seus precursores de

referências que, de certa forma, comungam e desvelam as imposições e imperfeições da modernidade/colonialidade. Nesse sentido, os autores e autoras deste livro propõem uma guinada conceitual e de mudanças epistemológicas em direções mais expansivas de pensar o Meio Ambiente na educação por meio das narrativas dos *sujeitosobjetos* da pesquisa. Tal proposta é sugerida e descrita por, também, intercessoras t*eoricometodológica*s destas coletâneas, no prólogo deste livro, realizado por Michèle Sato; como também, na apresentação descrita por Martha Tristão, outra intercessora, além de organizadora desta obra.

Em cada texto do livro problematizam-se incitações do que será desnudado, a citar, pelo menos uma problemática de cada um dos doze textos abordados na obra, além da apresentação e o prólogo: Como a descolonização do pensamento é um desafio? Por que trazer este debate no campo da educação ambiental? Que brechas e diálogos são encontrados? Quais i*nexistências* são encontradas nas maneiras de ser, fazer e pesquisar? Em que se baseiam o cognitivo-instrumental dos meios de comunicação? O que nos narram e tecem os movimentos cotidianos das escolas? Onde está implicada a relação do sujeito, a cultura e as pesquisas? Que sentidos traduzem as experiências educativas no/com o local? Como grupos coletivos envolvidos com os *saberesfazeres* de uma comunidade se reinventam mediante as ameaças capitalísticas? O que atravessa os usos e consumos dos *saberesfazeres* de culturas biorregionais? Qual a aposta da educação ambiental constituída na interação natureza e cultura de modo indissociável das relações de poder, focado nas epistemologias não autorizadas? Como a ideia de cultura é significada, compreendida e comunicada pelas comunidades/escolas? Quais problematizações tornam possíveis ressignificações e resistências na educação ambiental realizada no contexto escolar?

Então, por meio dessas e de outras problematizações que se desdobram a partir e entre elas, se aproximam questões que inferem sobre as dicotomias, essencialismos e dogmatizações e sobre seus efeitos diretos na descolonização do pensamento, de forma a repensar a Educação Ambiental.

Para tal, os *sujeitosobjetos* dos acontecimentos que apontam e entrelaçam, tais questões e efeitos são de repertórios variados, a saber, referenciando-os como nas narrativas dessas pesquisas tem-se: sonhantes artísticos-científicos (SATO; QUADROS; KAWAHARA), escolas do campo (BARONI), telecomunicações

(CÔGO), comunidades quilombolas (MAULIM), congo nos currículos praticados (ROLDI; TRISTÃO), experiências docentes nos espaços de existência local (ALMEIDA), memórias, tradição e história de comunidades da região litorânea sul capixaba (ARAÚJO), *usos* e *consumos* da biorregião do Caparaó Capixaba (RIBEIRO), a Educação Ambiental a partir da lógica Umbandista (CASTOR), narrativas de professores e sujeitos de comunidades tradicionais das paneleiras de barro (REZENDE), propostas éticas, estéticas e políticas de vida nos movimentos de (re)existência (VIEIRAS).

Ademais, é notável nas narrativas dessas pesquisas, não apenas discussões e reflexões acerca do tema, mas a aposta de inferir os movimentos investigativos de suas produções. De certa forma, percebe-se a inventividade metodológica, quebrando as amarras do modernismo científico e propiciando novos movimentos na trajetória teórica-metodológica de pesquisas científicas, em movimentos que seguem fluxos e a imprevisibilidade do percurso, numa metodologia denominada de cartografia. Pelo menos dois modos de cartografia, foram percebidas ao longo desta obra: a Cartografia Simbólica, de Boaventura de Souza Santos e a Cartografia da Subjetividade nas abordagens de Michel Foucault, de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Outra sinalização entendida ao longo dos escritos, é a de que a narrativa pode ser entendida como uma metodologia de pesquisa. Assim, as narrativas na pesquisa traduzem produções que alcançam conhecimentos relatados na aposta de significar os modos compreendidos nas experiência com o mundo e com os outros. No desenrolar da leitura dos textos destas pesquisas, as imbricações entre os conhecimentos, os desejos, os valores, as crenças e as teorias são acionadas, ocasionando as produções narrativas, o que não se resume a entrevistas ou a perguntas e respostas.

Vale a pena revelar que a aposta das narrativas assumidas nos textos deste livro, se materializa de várias maneiras, incorporando não somente à narrativa em Paul Hart, mas está imbricada nas conversações ao modo de Humberto Maturana, na narrativa como Arte, de Michel Certeau e de outros precursores da pesquisa narrativa como Martha Tristão, a organizadora desta obra.

Na percepção sobre o melhor entendimento e sobre o engajamento do *saberfazer* o giro decolonial, juntamente com a aposta de escritas poéticas e ético-

estética, que evitam dicotomias e reflexões essencialistas, muitas denominações são discutidas, como por exemplo, a utilização do termo “docência” ao invés de “formação docente” ou “treinamento de professores”. Ou ainda o termo “mundo do trabalho” em oposição ao uso de “mercado de trabalho”. Como também a afirmação de “sociedades sustentáveis” se contrapondo ao discurso esvaziado de “desenvolvimento sustentável”. Ou seja, alerta-se para as denominações e frases que extraem em seu conteúdo e formam o debate de questões suscitadas pela colonialidade, trazendo reflexões para entender os mecanismos de controle que permanecem para a dominação e desigualdades de culturas, lugares e práticas.

Para debater essas denominações, as discussões e reflexões são contextualizadas à acontecimentos e modelos adotados tanto em âmbito nacional como em mundial. Percebe-se assim, a direção única de um processo colonial/moderno em seus discursos, práticas e relações em vários níveis da vida cotidiana em detrimento de outras realidades e experiências produzidas como ausentes.

Deste modo, os textos também complexificam práticas e discursos invisibilizados para a implantação de monoculturas, que de acordo com Santos (2007) são formas de produção de ausências. A monocultura do produtivismo capitalista, por exemplo, se ampara no discurso de Desenvolvimento Sustentável em que a economia prevalece em detrimento da sociedade e da Ecologia, legitimando as dicotomias natureza/cultura e a degradação social/ambiental. Amparado nesse discurso, o Mercado Verde propagandeia a mercantilização dos bens naturais e contribui para a degradação ambiental ao redor do mundo. Outra monocultura se expressa por meio da implantação do programa “Escola sem Partido” que busca a exclusão da pluralidade e da diversidade *sociopolítica*.

Observa-se que em contextos nacionais e mundiais há um movimento pela manutenção do sistema colonial/moderno que se ampara nas racionalidades mercantilistas e cognitivo-instrumentais-hegemônicas deterministas e universalistas- contribuindo com o plano colonialista do passado e de colonialidade do presente: da exclusão, da dominação e das desigualdades.

O movimento de descolonização que persiste nesta obra, destacado na dimensão da Educação Ambiental, retrata não só uma aposta *teoricometodológica*, mas de postura *sociopolítica* em que as produções narrativas de

sujeitos/comunidades/escolas, assim escrito no prefácio deste livro, permitem indagar o *pensarfazer* da vida individual e coletiva. A leitura dessa obra propiciará lampejos à vida doméstica, à vida familiar, à vida do trabalho, à vida do lazer, ou seja, nos diversos modos de relação consigo e com o outro.

As produções trazidas neste livro interessam a pesquisadores e pesquisadoras, estudantes, leitores e leitoras que buscam novas produções do saber para refletir, relacionar e construir de modo diferente, seja no âmbito da educação, meio ambiente, sociedade, dentre outros, uma vez que, direta ou indiretamente, as narrativas de pesquisas produzidas na obra, tecem conceitos, experiências, saberes, fazeres e ética, harmonizadas com as expressões e produções culturais, com a docência, com o currículo e suas políticas educacionais e com diversas dimensões da vida cotidiana. .

REFERÊNCIAS:

ALVES, Nilda; GARCIA, R.L (Org.). **O sentido da escola**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social/** Boaventura de Souza Santos; tradução Mouzar Benedito.- São Paulo: Boitempo, 2007.